

No lugar dos teatros, agências bancárias?

CELSO ARAUJO

A substituição de Ruy Pereira da Silva pelo otimista Carlos Fernando Mathias à frente da Fundação Cultural não causou euforia em ninguém, pois seria demasiado acreditar que um órgão oficial que ainda padece de artrite burocrática e arterioesclerose cultural pudesse, de um dia para o outro, adaptar-se às necessidades de um novo movimento que pretende caracterizar a vida cultural de Brasília.

Mas bastou a saída de Ruy Pereira da Silva, perpetuada pelo momento em que ele quase se enforca com sua gravata de burocrata, para que os ânimos restabelecessem um pouco a discussão em torno das questões da Fundação Cultural. Afinal, único órgão possível de dar vazão a esse movimento, a FCDF não poderia continuar ignorando necessidades básicas dos artistas locais.

Carlos Fernando, no entanto, trouxe uma mentalidade em suas declarações à imprensa. "Vamos escancarar as portas", disse ele e passou a receber, um por um, gente envolvida com diferentes atividades culturais, para depois

princípio sua política de renovação da Fundação.

Parceira, no entanto, que a Fundação em sua nova gestão não compreendeu ainda a extrema urgência que há em se estabelecer uma efetiva integração entre as possibilidades do governo e as iniciativas dos artistas candangos. E isso, todo mundo sabe de cor, não depende apenas de Carlos Fernando Mathias, que tem demonstrado sensibilidade e disposição para o cargo.

Aí entra a questão dos espaços culturais, tão fundamentais numa cidade que ainda não encontrou sua organicidade. A revela, construíram-se auditórios, teatros, escolas e outros espaços destinados à cultura em locais os mais diversos, sempre dependendo das questões imobiliárias.

No tempo em que a W - 3 era um colégio para os olhos do brasileiro (pois havia um prazer do brasileiro em passear pela "sua avenida"), a Fundação Cultural começou a instalar ali suas salas de exposições, seus teatros, e mais tarde, um Centro de Criatividade. Pela localização desse conjunto, o acesso favorecia a um grande número de estudantes que

vinha do Elefante Branco, do Caseb, das escolas particulares, e, mais importante, ainda, pelos transeuntes que desciam ou subiam a avenida.

Foi instalando-se aos poucos a sensação de uma "broadway" cabocla, um espaço, que sem as babaquices colonizadas, favorecia o encontro dos artistas e do público e fazia daquilo ali uma área de divertimento do brasileiro. Galerias abertas, os teatros Galpão, Galpãozinho, e Escola - Parque em funcionamento, e os bares da moda que se situam logo mais perto criaram uma tradição, um costume.

E haveria por citar ainda o histórico Cine Cultura, primeira casa de espetáculos de Brasília. O cinema foi fechado e está entregue às traças, enquanto a Terracap, não quer ceder o prédio e a Secretaria de Viação e Obras não concede o alvará para funcionamento da casa, por considerar o local impróprio.

Ora, essas alegações não funcionam mais. Já deterpuram tanto o plano original da cidade que as casas de espetáculos entre a 507 e 508 Sul só iriam agora tornar a cidade mais humana e menos

elitizada, pois o Teatro Nacional, pirâmide que vive entre inaugurações e fechamentos, só vai favorecer mesmo a burguesia e a classe média que vive às custas dos cofres públicos.

E nesse ponto que a atuação de Carlos Fernando Mathias tem que enfrentar os dragões dos interesses imobiliários e políticos do GDF, nem sempre muito inteligentes, diga-se de passagem. Senão, como compreender que o enorme monstrego do Centro de Convenções passe fechado a maior parte do ano? Ou a Concha Acústica continue a saber das intempéries? Ou o Parque da Cidade seja apenas decorativo?

Não depende só de Carlos Mathias. Todos sabem. O governo não pode, no entanto, ignorar com qual realidade está trabalhando e, no caso específico, como melhor aproveitar os espaços que são, de direito, da comunidade.

Se realmente ocorre o que estão noticiando - o fim dos teatros Galpão e Galpãozinho e das duas salas de exposição da 508 Sul - a atividade cultural de Brasília vai perder muito de suas possibilidades de atuação. Pois o Nacional está destinado, por certo, as agen-

das do Serviço Nacional de Teatro, as promoções oficiais e aos espetáculos de grande porte.

Onde, então, os artistas de Brasília vão ter seu espaço próprio, que já está consagrado? Essas questões são fundamentais no momento, antes que se tome atitudes precipitadas, o que não é do desejo de Carlos Mathias. Para ele, como diretor da FCDF, o importante é estar em sintonia com os produtores e realizadores locais.

Só mais uma informação: neste início de ano, inaugura-se em Brasília, um movimento pela dinamização da cultura candanga, o Cuca, que não promete deixar por menos e vai tomar posição, a partir de agora, em todas as situações em que os artistas brasileiros se encontram envolvidos.

O fim da 508 Sul como espaço cultural pode ser a primeira manifestação concreta de como o governo encara o problema. Se quer favorecer o crescimento de um movimento cultural e respeitar não só os direitos, mas a uma tradição que já é da cidade, ou, do contrário, decidir cada etapa de sua atuação sem consultar ninguém. E aí voltamos ao estúdio da província dominada por coronéis.